



Rio de Janeiro, 11 de novembro a 13 de novembro de 2015

Associações entre design e artesanato, um caminho para a sustentabilidade.

Rita de Castro Engler
Universidade do Estado de Minas Gerais
rcengler@uol.com.br

Ana Carolina Lacerda
Universidade do Estado de Minas Gerais
anacarol_lacerda@hotmail.com

Letícia Hilário Guimarães
Universidade do Estado de Minas Gerais
Hg.leticia@gmail.com

Resumo: Com o aumento do descarte inapropriado de resíduos, compreende-se a necessidade da criação de novas alternativas para a reinserção de elementos antes vislumbrados como “lixo” na cadeia produtiva. O design possui papel importante neste processo, possibilitando, através de sua aplicação, novos olhares sobre os produtos e serviços e oferecendo uma nova perspectiva ao processo, resultando na sustentabilidade da comunidade e na redução dos resíduos. O artigo é pautado em conceitos referentes à sustentabilidade, Economia Criativa e artesanato, que associados buscam solucionar desafios como o citado anteriormente. Esses princípios são colocados em prática em um estudo de caso referente ao CRAS - Centro de Referência de Assistência Social - de Jeceaba, um pequeno município do Estado de Minas Gerais, que busca através da arte e do reaproveitamento de resíduos que os seus usuários superem situações de vulnerabilidade. Busca-se, portanto, a exemplificação de como através do Design, pessoas ordinárias podem galgar novas e criativas soluções para um assunto atual e que impacta a vida das comunidades no geral.

Palavras-chave: Design; Sustentabilidade; Artesanato; Economia Criativa.

Abstract: With the increase of inappropriate discard residual, it is understandable the need to create new alternatives to reuse elements seen as garbage in the productive chain. The Design has an important part in this process, such as making it possible to create new meanings and different ways to see these products and services, offering a new perspective to the process, resulting in a sustainable community and residual reduction. This article is based in concepts such as sustainability, creative economy and handicraft, that when associated are used to give answers to challenges, like the one mentioned before. These principles are put into practice in a case study about a CRAS in a city called Jeceaba, a small town in the State of Minas Gerais, which helps people to overcome their problems through the arts and the reuse of discard materials. Having Design as a tool we want to show how ordinary people can make up creative solutions to such a relevant subject that affects the communities in general.

Keywords: *Design; Sustainability; Handicraft; Creative Economy.*

1. INTRODUÇÃO

O mundo atual vive um contexto de descarte desenfreado de resíduos, obsolescência programada em muitas classes de produtos e um acúmulo de lixo a cada dia maior em lixões e aterros, sem destinação correta e com inúmeras potencialidades rejeitadas através do descarte incorreto dos mesmos. Vê-se que a produção de resíduos é praticamente inevitável, quando considerados os hábitos de consumo e estilo de vida atual, sendo o destino dado a este volume significativo de lixo, um grande desafio para diversas áreas de pesquisa.

Como mostra o Manual Eco Design¹, produção e consumo são essenciais à atividade econômica, apesar de envolverem a utilização de recursos naturais, sua transformação em produtos e serviços e, usualmente, descarte no ambiente de forma residual. Comumente é presenciado, à medida que as economias expandem-se, o aumento do consumo dos recursos naturais e conseqüentemente a geração de resíduos. Hoje em dia procura-se contrariar esta tendência.

Como aborda Forty (2007) a história do design é também uma história da sociedade: em que qualquer implementação da mudança deve ser pautada em uma compreensão de como o design afeta os processos de economias modernas e como o mesmo pode ser afetado por eles.

Manzini (1990) aborda o tema colocando a “crise ecológica” como uma oportunidade de transição para um novo modelo produtivo e da materialidade humana, uma nova “ecologia do artificial”, momento propício para o desenvolvimento de novos panoramas que possibilite melhoria na qualidade de vida.

Neste contexto o Design encontra um amplo campo de atuação, podendo propor através de pesquisas, análise de ciclo de vida dos produtos e serviços, e visando novas soluções, “Satisfazer as necessidades das gerações presentes sem comprometer

¹ Eco Design: Manual do Formando. <http://elearning.iefp.pt/mod/resource/view.php?id=23685>

a capacidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades.” (Baseado no relatório de Brundtland, 1987).

Esta visão (eco) sistêmica e de ciclo de vida das coisas – matérias, energias, processos e produtos – é apresentado no Manual EcoDesign, como sem dúvida, um aspecto fundamental nas abordagens integradas de design com preocupações ambientais. Passa-se a ter em consideração na fase de projeto, as implicações ambientais ao longo das várias fases da vida do produto: exploração de matérias-primas, fabricação, distribuição, utilização e destino final – numa abordagem do nascimento à morte (“*from cradle to grave*”). Este processo possibilita o desenvolvimento de bens ou serviços sustentáveis, por meio da redução no ciclo de vida dos impactos ambientais, avaliando todas as especificidades dos produtos e serviços como a qualidade, custo, ergonomia, estética, funcionalidade, entre outros.

Como apresenta Mackenzie (1991), “[...] os designers podem influenciar o impacto ambiental indiretamente, através do seu papel como influenciadores de estilo e tendências”, além também das influências diretas, como custo, inovação, qualidade e impacto ambiental. O design para sustentabilidade compreende também o potencial de ajudar a compreensão acerca do que as pessoas pretendem ganhar com suas decisões. Através de escolhas assertivas os designers têm a chance de conduzir consumidores, ampliando o público consciente, conseguindo resultados como a redução de hábitos de consumo (Bhamra e Lofthouse, 2007).

Muito do que se considera lixo atualmente, se ressignificado, pode assumir um caráter valoroso. A conversão de tais valores possibilita a criação de novos produtos através de elementos já existentes, gerando um novo sentido às peças finais. Este processo é similar ao da criatividade, visto também na economia criativa, que consegue, através da agregação de traços de outros conceitos, um toque próprio e inovador.

Da economia da experiência, reconhece o valor da originalidade, dos processos colaborativos e da prevalência de aspectos intangíveis na geração de valor, sobretudo na cultura. Da economia do conhecimento, toma a ênfase no trinômio tecnologia, qualificação de trabalho e geração de direitos de propriedade intelectual. E, da economia da cultura, propõe a valorização da autenticidade e do intangível cultural único e inimitável. (Site criaticidades, 2014).

Para Lala Deheinzelin², a Economia criativa abarca quatro dimensões: a ambiental – através da melhor gestão dos recursos naturais; a social – em que as pessoas se organizem melhor e tenham consciência coletiva; a cultural – onde existe a valorização da arte, dos conhecimentos e valores humanos; e a financeira – possibilitando a geração de recursos.

Como discorre BEZERRA et al (2012, p.1), a economia criativa também possui importante valor na medida em que evidencia o ser humano como ator direto do desenvolvimento sustentável, já que reúne atividades baseadas no talento,

² www.laladeheinzelin.com

criatividade e na “habilidade individual incorporados na propriedade intelectual e abarcam as cadeias produtivas das indústrias culturais e com suas imbricações”.

Como cita LIMA³ (2014) “Esse novo modelo econômico está baseado na criatividade e inovação, que valoriza o capital humano e advém dos resultados de indivíduos, ou grupos, exercitando sua imaginação e explorando seu valor econômico”. Agregar valor ao produto através de diferenciais criativos, a ponto de a mesma matéria prima possibilitar a criação de produtos distintos em qualidade e valor.

A economia criativa então é baseada no conhecimento, como demonstra o livro Economia Criativa:

[...] é o ciclo que engloba a criação, produção e distribuição de produtos e serviços que usam a criatividade, o ativo intelectual e o conhecimento como principais recursos produtivos. São atividades econômicas que partem da combinação de criatividade com técnicas e/ou tecnologias, agregando valor ao ativo intelectual. Ela associa o talento a objetivos econômicos. É, ao mesmo tempo, ativo cultural e produto ou serviço comercializável e incorpora elementos tangíveis e intangíveis dotados de valor simbólico. (CAIADO, 2011, p.15).

Muitas vezes a atratividade é o fator decisivo

[...] presenciamos, muitas vezes, uma recusa dos produtos oriundos de reciclagem ou desenvolvidos através de materiais tido como menos nobres, mas que possuem características sustentáveis. Isto se deve ao fato da grande maioria de produtos vindos destes segmentos serem poucos atrativos, não se tornando “objetos de desejo” de nada e nem de ninguém. (BELCHIOR, 2014, p.57)

Autores discorrem sobre a importância de as peças criadas terem sentido, terem um significado, como o artista plástico Domingos Tótora que em depoimento diz “As peças têm que ter um sentido, tem que emocionar, senão vira mais lixo ainda. Aos artistas e designers cabe produzir objetos e móveis que disparem afetos apreensíveis e olhares sensíveis”⁴.

Forty (2007) comenta acerca do potencial do Design alterar o modo como os produtos são percebidos, podendo então o design ser considerado um importante incentivador de processos de agregar valor a peças que incentivam processos de decisão de consumo.

A associação do Design e do Artesanato mostra o potencial da aplicação da técnica como forma de agregar valor e torna-las funcionais e atrativas, podendo ser realmente relevantes para a redução de resíduos e como fonte de criação de renda.

³ Artigo disponível em: <http://www.spertoconsultoria.com.br/#!Um-olhar-sobre-a-Economia-Criativa/cuhk/035CD4EE-75A1-4177-B593-29EA7F77DD5A>.

⁴ Depoimento disponível no livro Reciclando Sentidos, Camilo Belchior, 2014.

O conceito de artesanato foi muito bem definido por Neto ([s.d.]) na seguinte afirmação: “Podemos compreender como artesanato toda atividade produtiva de objetos e artefatos realizados manualmente, ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, apuro técnico, engenho e arte” (NETO, [s.d.], p.3).

Andrade (1938) também faz considerações sobre os aspectos externos que influenciam a confecção do artesanato,

O artesanato, antes de tudo é o testemunho insofismável do complexo homem/natureza. E é por meio da cultura material que o domínio da técnica e do tipo de objeto estarão dizendo sobre o espaço de sua feitura, ora pelos aspectos físicos, ora pela própria ideologia da cultura.
(ANDRADE, 1938, [s.p.])

Segundo Gianni (2003),

O artesanato é uma atividade econômica que gera trabalho e renda para milhões de brasileiros, e que, pelo próprio fato de não estar submetida à lógica industrial (mecanização, padronização, globalização) tem um forte componente cultural. O artesão trabalha com matérias primas locais, muitas vezes só encontráveis na sua região; utiliza, pelo menos em parte, técnicas manuais; e segue métodos tradicionais, que passam de geração a geração por processos informais de tradição (GIANNI, 2003,p.7).

Como aborda Oliveira (2003) Alguns ofícios representam exemplos da história e da cultura mineira trazendo em si a marca da identidade que sempre deve ser distinguida, destacada e utilizada para somar valor a tudo o que Minas faz e produz.

Percebe-se através do estudo de caso apresentado a seguir, que existem ações e propostas que buscam soluções locais por meio do artesanato para desafios relacionados à sustentabilidade em seus três âmagos: Social – atendendo a comunidade, ambiental – reutilizando resíduos e criando novas funções através do artesanato e econômico – criando potencial de criação de renda aos integrantes do grupo atendido.

A revisão de bibliografia deu-se através do estudo de conceitos como a Sustentabilidade, artesanato, cultura, identidade local, economia criativa e do Design Social, através autores relevantes aos temas. A metodologia do estudo baseia-se em uma natureza qualitativa, através de um estudo de caso, abordando um local de intervenções sociais que possui potencial para ações futuras.

2. DESENVOLVIMENTO

Vive-se nos dias atuais um período de transição em que o Design além de preocupar-se com o desenvolvimento de produtos, também deve pensar o impacto ambiental durante o ciclo de vida do mesmo. Este novo posicionamento expressou-se também com a transformação na maneira de agir, pensar e reconhecer diferentes culturas, sendo o Design induzido a ir além de relações estéticas e funcionais, pensando processos como um todo (ENGLER, *et al*, 2011).

Com base nos princípios apresentados identificamos um trabalho realizado em um município do Estado de Minas Gerais, Jeceaba, situado a aproximadamente 120 km de Belo Horizonte, fazendo divisa com os municípios de Congonhas e Entre Rios de Minas. Possui uma população de 5.395 habitantes, sendo que 44,79% dos habitantes residem em áreas rurais (IBGE, 2010). A cidade foi contemplada recentemente (2007) com a chegada da siderúrgica Vallourec & Sumitomo Tubos do Brasil (VSB), um empreendimento projetado para ter a capacidade de produzir 600 mil toneladas anuais de tubos sem costura e recebeu investimentos de US\$ 2,0 bilhões. Atrelado ao crescimento e desenvolvimento, a siderúrgica trouxe impactos, principalmente ambientais, que serão apontados em parte no decorrer do texto.

O trabalho mencionado toma corpo através do CRAS – Centro de Referência de Assistência Social de Jeceaba, que junto com a Secretaria Municipal de Assistência Social desenvolve uma série de atividades, abertas a todas as idades, que beneficia cerca de 570 usuários por semana, com o objetivo de promover a família, a convivência, levando seus usuários a superarem condições de vulnerabilidade, através da valorização do fazer artístico como forma de geração de renda, e também da conscientização e orientação sobre seus direitos e deveres, buscando tornar as famílias protagonistas e a terem autonomia em suas histórias de vida. No CRAS são realizados atendimentos individuais e coletivos, dinâmicas, e variados cursos de capacitação de responsabilidade de seus profissionais, uma equipe formada por Coordenadora, Psicóloga, e Arte terapeuta, Assistente Social, Agente Social e Assistente Administrativo.

O trabalho realizado pelo CRAS sob a supervisão do Ed Wilson Gomes Pinto que é o Secretario Municipal de Assistência Social e a coordenação de Sarahy Fernandes Coelho Diniz vem resgatando pessoas, estimulando o aprendizado de trabalhos manuais e identificando pessoas com habilidades artesanais. Hoje existem no CRAS oficinas de: crochê e tricô, pintura em tecido, pintura em tela, arte terapia e reciclagem (é o reciclar-se), cerâmica, artesanato em E.V.A e em palha, brincando com histórias, balé, dança de salão, canto, teatro, capoeira, entre outras. Essas oficinas ocorrem em locais que não contam com uma infraestrutura adequada (como por exemplo, no Centro Pastoral do município) e separadamente dificultando uma troca de experiências entre as pessoas e enrijecendo o resultado final (FIG 1).



Figura 1 – Reaproveitamento de garrafas pet e outros resíduos em oficina no CRAS

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em pesquisa realizada

Estas oficinas são propostas e supervisionadas pelos técnicos do CRAS e tem como objetivo, para além do acesso a cultura e melhoria da qualidade de vida. Visa também à integração de crianças, adolescentes, jovens e idosos, assim como promovem o acesso às informações sobre direitos e participação cidadã, organizando-se de modo a ampliar trocas culturais e de vivências, desenvolver o sentimento de pertença e de identidade, fortalecer vínculos familiares e incentivar a socialização e a convivência comunitária. Essas oficinas acontecem na área urbanizada de Jeceaba e na comunidade rural como nos distritos de Bananal/Mato Felix, Bituri, Machados e Caetano Lopes.

Na tentativa de ajudar os usuários do CRAS, a coordenadora Sarahy buscou a ajuda do SEBRAE (Serviço de Apoio às Micro e pequenas Empresas de Minas Gerais) em agosto de 2013, para orientá-los no que diz respeito à formação de uma associação de artesãos, criação de produtos mais qualificados, capacitação em outras técnicas, realização de feiras para divulgação dos produtos e incremento de renda.

Como aborda Sampaio (2003), o artesanato nasce como uma atividade produtiva e a demonstração de habilidades criativas de uma comunidade. Seu produto, fruto de uma mistura de materiais, formas e fins projeta sua singularidade, refletindo sua identidade. Desta forma, o produto artesanal, trás a marca de quem o confeccionou, diferenciando-o de um produto industrial e ordinário (FIG 2).



Figura 2 - Flores feitas com escamas de peixes do Rio Camapuã

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em pesquisa realizada

Compreende-se que o SEBRAE procurou reconhecer os materiais e as tradições locais para a elaboração de novos produtos de acordo com o desejo da coordenação do CRAS e de seus usuários. Desta forma, constatou que a cidade possui matérias-primas muito ricas e cheias de possibilidades que podem ser utilizadas nos trabalhos manuais como: a argila, a fibra e os refugos descartados pela VSB. No que diz respeito às fibras foi detectado que existem em abundância a bananeira e o bambu. O cipó, a taquara e a palha de milho são atualmente mais difíceis de serem encontrados. Há também a plantação de eucalipto na região cujo destino final é o carvão. Sugeriram o

resgate da tradição do trabalho com a palha de milho para fabricação de balaios (FIG3) e bonecas.



Figura 3 – Balaio confeccionado com palha em oficina do CRAS

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em pesquisa realizada

A argila existente que foi acessada foi qualificada pelas artesãs como tendo boa plasticidade e sugeriram a continuidade dos trabalhos em cerâmica. Os resíduos descartados pela Vallourec & Sumitomo Tubos do Brasil (VSB) como pallets e similares, que causam um grande impacto ao meio ambiente, não são utilizados pelo CRAS, mas possuem inúmeras possibilidades de reaproveitamento, como visto em uma das secretarias da prefeitura da cidade (“Casa do Agricultor”, 2013) que serviu-se dos resíduos para confeccionar móveis para sua sede (FIG4), provando que é factível a reutilização desses materiais, além de dar uma singela contribuição para a minimização desses impactos.



Figura 4: Móvel feito a partir dos resíduos

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em pesquisa realizada

Além da matéria-prima o SEBRAE procurou prováveis parcerias na cidade para o CRAS e destacou a Prefeitura, a VSB, MRS Logística (linha férrea) e a AMARIAZ – Associação das Mulheres Reunidas de A à Z.

Como aborda Cavalcanti *et al*, (2009) “Quando a dimensão social e cultural, a sustentabilidade está diretamente relacionada à melhoria da qualidade de vida, à redução das desigualdades e injustiças sociais e à inclusão social por meio de políticas de justiça redistributivas”, podendo o design surgir como solucionador destes desafios e conciliador destes assuntos ao encontrar soluções economicamente viáveis, socialmente aceitáveis e ambientalmente corretas.

3. CONCLUSÃO

Este artigo buscou instigar pensamentos acerca da importância da associação do design à sustentabilidade, através da técnica de conceitos como a economia criativa e o artesanato, demonstrando a importância desses princípios no paradigma atual.

Entende-se as limitações em que o SEBRAE se deparou e como o Design pode contribuir para dar continuidade aos trabalhos realizados na comunidade. Primeiramente é preciso promover por meio do Design estratégias para sensibilização e integração dessas pessoas para que desse modo elas aprendam a trabalhar em equipe, colaborar e evoluir juntas, e para que seja possível a formação de uma associação consistente. Em paralelo se fará necessário uma pesquisa historiográfica junto ao levantamento de elementos característicos da região e à identificação das potencialidades de cada um para que haja um ponto de partida para a construção de técnicas de produção de qualidade baseadas nos referenciais culturais e na identidade local, respeitando o limite de cada um. Essas habilidades serão trabalhadas em oficinas artesanais com os materiais da cidade, em espaços mais integrados permitindo uma maior troca de conhecimentos e experiências e “moldando” os pontos que precisam ser melhorados. Dessa forma os produtos confeccionados serão únicos, diferenciados dos demais ao refletir a cultura identitária da cidade com seus conteúdos simbólicos, formas, materiais e processos. Além disso, o Design terá o importante papel de realizar feiras de divulgação dos produtos feitos e da própria cidade. Nesse sentido percebemos o Design como uma contribuição para o bem-estar social e ao meio ambiente ao promover meios para dar um fim a resíduos descartados e subutilizados em oficinas, gerar capacitação, inclusão, incremento de renda e promover o turismo na cidade, o que trará outros frutos para a comunidade. Esta seria uma real aplicação do design centrado no ser humano, que diz respeito a pessoas proporcionando soluções para seus próprios problemas cotidianos impactando positivamente em suas vidas com as mais diversas soluções.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **O artista e o artesão**. Aula inaugural dos cursos de Filosofia e História da Arte, do Instituto de Artes, da Universidade do Distrito Federal em 1938. 16p. (Mimeogr.).

BELCHIOR, Camilo de Lelis. **Reciclando os Sentidos**. 1ª ed. Contagem, MG: Ed. Do Autor, 2014. ISBN 978-85-908021-2-9

BEZERRA, Fabiana Correia; CHACON, Suely Salgueiro; GONÇALVES, Jaqueline dos Santos; BARRETO, Polliana de Luna Nunes. **A ECONOMIA CRIATIVA COMO ESTRATÉGIA PARA DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**. II Colóquio Sociedade, Políticas Públicas, Cultura e Desenvolvimento. Nov. 2012. ISSN 2316-3089. Universidade Regional do Cariri-URCA, Crato-Ceará-Brasil. Disponível em: < http://www.urca.br/coloquioeconomia/IIcoloquio/anais/trab_econ_criat_ter/1.pdf>

BHAMRA, Tracy e LOFTHOUSE, Vicky – **Designing for Sustainability, A Practical Approach**. 1ª Edição. England: Gower, 2007. ISBN 9780566087042

CAIADO, Aurílio Sérgio Costa (coordenador do projeto). **Economia Criativa**. São Paulo: FUNDAP, 2011. 160p. ISBN 978-85-7285-138-1

CAVALCANTI, Virginia Pereira et. Al. **Design, Sustentabilidade e artesanato: reflexões e práticas metodológicas**. Artigo publicado no Cadernos de Estudos avançados em Design, Sustentabilidade. EdUEMG. 2009.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/resultados_do_universo.pdf>. Acesso em: mar. 2013.

CRAS de Jeceaba. Disponível em: <http://jeceaba.mg.gov.br/index.php?pg=historia>. Acesso em 27 de agosto/2015.

Criaticidades. Disponível em: <http://www.criaticidades.com.br/economia-criativa/#sthash.Hib3NiSK.dpuf>. Acesso em Setembro/2014.

Eco Design: Manual do Formando. <http://elearning.iefp.pt/mod/resource/view.php?id=23685>
DUARTE, Joana Godinho. **Design para a Sustentabilidade: Embalagem para Take Away de cadeias de Fast Food**. 2013. 203 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Técnica de Lisboa, Mestrado Design de Produto.

ENGLER, Rita et.al. **Design applied to improve the quality of life at work of the scavengers**. In: Anais do 3º Simpósio Brasileiro de Design Sustentável (III SBDS). 2011.

FORTY, Adrian. **Objeto de desejo: design e sociedade desde 1750**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GIANNI, Silvano. **Mestres de Ofício de Minas Gerais: resgate cultural do artesanato mineiro**. Belo Horizonte: SEBRAE, 2003.

LANDRY, Charles; REIS, Ana Carla Fonseca (organizadora). **Cidades Criativas: Perspectivas**. São Paulo. Garimpo de Soluções, 2011. Vários Autores. ISBN 978-85-63303-03-5

LIMA, Mariana. **Um olhar sobre a economia criativa**. 02 jan. 2014. Disponível em: <http://www.spertoconsultoria.com.br/#!Um-olhar-sobre-a-Economia-Criativa/cuhk/035CD4EE-75A1-4177-B593-29EA7F77DD5A>. Acesso em Abril/2015.

www.laladeheinzelin.com

MACKENZIE, Dorothy – **Green Design, Design for the Environment**. 1ª Edição. [s.i.]: Laurence King, 1991. ISBN 1-85669-001-6

MANZINI, Ezio, 1990: **Artefatti** - Verso una nuova Eco-logia dell' Ambiente Artificiale, Ed. Domus Academy, Milano.

NETO, Eduardo Barroso. **O que é artesanato** – Primeiro Módulo. [s.d.]

NETO, Eduardo Barroso. **Artesanato E Mercado** – Segundo Módulo. [s.d.]

Relatório Brundtland e a sustentabilidade. Disponível em: <http://www.mudancasclimaticas.andi.org.br/node/91>. Acesso em 28 de Agosto de 2045.

SAMPAIO, Márcio. **Mestres de Ofício de Minas Gerais**: resgate cultural do artesanato mineiro. Belo Horizonte: SEBRAE, 2003.